

JOGOS COOPERATIVOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: A EXPERIENCIA DO PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA NA REGIÃO DO ALTO MÉDIO URUGUAI R/S

VERA LUCIA RODRIGUES DE MORAES;
ROSANE MARIA KREUSBURG MOLINA.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – PPGEDU/RS, BRASIL.
zmoraes@tcheturbo.com.br
rmolina@unisinos.br

INTRODUÇÃO

A ligação que existe entre os seres humanos é algo inegável. Ao mesmo tempo em que o indivíduo é autônomo e singular, ou seja, vive a partir do livre arbítrio, também é dependente, numa circularidade que o singulariza e o distingue, simultaneamente. Vê-se conectado a pessoas, situações, lugares e acontecimentos muito distantes e sem relação direta com sua vida. É a lei da interdependência.

Todas as energias, todos os elementos, todos os seres vivos, desde as bactérias e vírus até os seres mais complexos, somos inter-retro-relacionados e, por isso, interdependentes. Uma teia de conexões nos envolve por todos os lados, fazendo-nos seres cooperativos e solidários. Quer queiramos ou não, pois essa é a lei do universo. Por causa desta teia chegamos até aqui e poderemos ter futuro. (BOFF, 2001, p. 02).

Conscientizar-se desta interdependência e entender-se como parte de um todo interligado é ver o outro e as relações com o outro de forma aberta e solidária, sob uma ótica livre de preconceitos, aparências e adversidades. Esse posicionamento justifica a necessidade de reaproximação dos fatos ocorridos em um sistema social como pertencentes à realidade da qual todos fazemos parte, e, portanto, todos somos atingidos. Desenvolver a cooperação como forma de melhorar o relacionamento interpessoal é não mais uma projeção futura, mas uma necessidade presente.

Posicionado contrariamente à conduta competitiva, o ideário da cooperação faz menção aos povos pré-históricos, que primavam pela partilha e pelo mínimo de destruição. A antropóloga Margaret Mead¹ (1961) analisou diferentes sociedades e concluiu que o nível de cooperação ou de competição existente nas manifestações culturais de um grupo social é resultante das ações dos membros que as estruturam. Portanto, a prática cooperativa ou competitiva é uma experiência que interfere muito nos “modos de ser” dos indivíduos. E mais, sendo o ser humano um ser socializador por meio dos processos educativos e da cultura, torna a sociedade em que está inserido em um ambiente de socialização ou de individualismo. Segundo Maturana² (1997), a cooperação é central no modo de vida humano; é uma característica habitual de confiança e respeito mútuo.

Um instrumento pedagógico que reafirma esta característica cooperativa e que pode contribuir com as experiências de socialização, tão importante nos âmbitos escolares, identifica-se os jogos cooperativos, que são meios de integração entre as pessoas e, em forma de expressão lúdica, reproduzem as relações sócio-culturais existentes em uma comunidade, confirmando esta cultura ainda na infância.

¹ Antropóloga cultural norte-americana, autora de inúmeros livros sobre sociedade primitiva.

² Biólogo chileno, que faz parte dos propositores do pensamento sistêmico.

O Programa A União Faz a Vida, idealizado pela SICREDI Central/RS, cujo ideário é o desenvolvimento da cooperação e cidadania, tem como população alvo, estudantes matriculados na Educação Infantil e no Ensino Fundamental nas comunidades onde o SICREDI tem sede. O principal objetivo do Programa é o de “*construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa [...] em âmbito nacional.*” (Guia do Programa, 2003). Ambientes organizados para “cuidar e proteger” a infância e a adolescência são locais onde o programa está implantado. No Rio Grande do Sul, em parceria com um *pool* de Universidades, participam do programa 1.244 escolas localizadas em 118 diferentes municípios. Este estudo está situado em escolas de quatro municípios da Região do Alto Uruguai que, em parceria com a Universidade Regional Integrada – URI, de Frederico Westphalen, desenvolve o programa nas cidades de Rodeio Bonito, Vista Alegre, Pinheirinho do Vale, Ametista do Sul.

O problema de conhecimento que alicerça esta pesquisa pode ser expresso na seguinte questão: qual é o impacto que Jogos Cooperativos, no contexto do Programa A União faz a Vida, vem produzindo nos saberes e nas práticas pedagógicas dos professores que trabalham nas escolas públicas da Região do Alto Uruguai/RS, na perspectiva desse coletivo docente? Ao construir essa indagação qualitativa, nos marcos contextuais desta pesquisa, apoiamo-nos, sobretudo, nos seguintes pressupostos: a) vivemos tempos e pautas sociais que têm potencializado posições individuais de isolamento e fragilizado a escola como espaço de experiências fundamentais de vida e de aprendizagem no qual, de forma complexa, se articulam processos de ser criança, de ser jovem e de ser professor ou professora; b) os professores significam suas práticas a partir da própria experiência; c) motivações e desafios advindos de espaços localizados fora dos muros do sistema oficial de ensino podem modificar saberes e fazeres docentes sempre que os inclua no planejamento do processo de produção do conhecimento e dos efeitos pretendidos. (SARASON, 2003).

A LDB, Lei nº 9.394/96, bem como as diretrizes dela decorrentes, nesse estudo, também, está sendo considerada como marco legal de referência para a análise das práticas e processos educativos presentes no contexto das escolas dessa região, na perspectiva do professorado.

A FORMAÇÃO DOCENTE E OS JOGOS COOPERATIVOS

A educação é um processo que engloba inúmeros aspectos. Um deles é entender que o educador é aquele que aposta do educando a ponto de torná-lo sujeito do conhecimento, ou seja, é preciso inserir a criança e o adolescente no processo de aprendizagem, envolvendo-os na pesquisa e no aperfeiçoamento de seus saberes, impulsionados por suas próprias determinações. Segundo afirmação de Paulo Freire (1996):

“O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática, mesmo que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício.” (P. 85).

Neste sentido, o educador que consegue inserir a criança e o adolescente em processos de produção de conhecimento, levando-os a engajarem-se no estudo, tem nas mãos o significado da inquietação, característica fundamental para o crescimento individual. É com esta justificativa que o termo “educador” é utilizado na proposta denominada “Jogos cooperativos”.

Este profissional é um ator social fundamental nos processos formativos e constitui uma referência de afirmação dos valores de cidadania e cooperação, por meio de suas atitudes na condução dos trabalhos educativos.

O ideário do Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI (2008), responsável pelo Programa A União Faz A Vida que, por sua vez, dinamiza os Jogos Cooperativos no contexto e nos limites desta pesquisa, entende que:

[...] as ações que os educadores lançam mão para o seu exercício profissional são extremamente importantes na estruturação da ambiência social constituída no interior dos ambientes educativos, já que as crianças e os adolescentes são especialmente atentos às suas condutas, seu sentimento de justiça e humanidade. (P. 36).

No entanto, este exercício de poder favorável à promoção social do educando, exige que o educador esteja consciente do seu papel enquanto sujeito ético e cooperativo, uma vez que exerce influência na formação da cidadania. Neste sentido, “é preciso re-criar, re-educar o educador, caracterizando-o como um mestre aprendiz imerso num processo de formação e transformação permanente.” (BROTTO, 2001, p. 17).

Entretanto, ao educador cabe estar atento às mudanças sociais e às novas demandas perspectivadas para a educação, incluindo práticas humanitárias e cooperativas.

Ainda há um caminho muito longo a percorrer para se chegar à consciência de que o potencial do jogo passa por experiências na dimensão corporal e emocional. Nesse sentido, o painel intitulado *O brincar, as diferenças, a inclusão e a transformação social*, apresentado na ANPEDSUL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2008) por Tânia Fortuna adverte:

Polissêmicas, brincadeira e jogo – insistimos - são atividades paradoxais: brincando ou jogando, ao mesmo tempo em que se constrói a consciência da realidade, vivencia-se a possibilidade de transformá-la, e na contradição entre a liberdade e a submissão às regras, os limites entre a realidade e os desejos são experimentados, gerando um espaço de aprender fabuloso e incerto. (P. 03).

A responsabilidade pela construção de valores, competência dos objetivos educacionais, freqüentemente está em segundo plano. Boa parte dos educadores ainda pensa ser função exclusiva da família a educação de valores, esquecendo que a própria convivência na escola é uma forma de internalizar valores nas crianças e adolescentes, desde a hora do recreio até os momentos de concentração em sala de aula.

Sendo o jogo um meio de ensinar e aprender, faz sentido que exerça constante reflexão acerca dos seus objetivos, das habilidades que ele desperta no educando, nos valores que ele representa, da autonomia e da cooperação que ele promove. Enquanto ensina determinados conteúdos ou transmite determinadas informações aos estudantes, o educador também imprime valores sociais. Por isso, reafirma Antunes (2002), a ação do jogar faz sentido para fazer os estudantes refletir acerca daquilo que aprenderam por meio do jogo.

O SISTEMA DE CRÉDITO COOPERATIVO – SICREDI E O PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA

As décadas de 70 e 80 do século XX serviram de período de busca e desenvolvimento para as mais de 60 cooperativas de crédito pertencentes ao SICREDI, embora este estivesse enfrentando, naquela época, dificuldades relacionadas aos sobressaltos da economia.

Mas foi com o espírito cooperativista que o SICREDI persistiu e encontrou motivação para entrar em contato com uma Cooperativa Habitacional de Montevidéu (Uruguai), onde funcionava também uma Cooperativa Escola, visitando o empreendimento para aprender com aquela experiência e multiplicá-la também no Brasil.

Ao constatar que o presidente desta Cooperativa não passava de um garoto de 11 (onze) anos, entusiasmado, com um extenso conhecimento acerca do tema cooperativista, o SICREDI convenceu-se que, para o caso brasileiro, tratava-se de planejar ações que fossem transformando a cultura sobre participação e empreendedorismo, que naquele momento, vigia no país.

A primeira iniciativa do SICREDI (1990) foi aproximar-se do Centro de Desenvolvimento e Pesquisa sobre Cooperativismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, de São Leopoldo/RS, cujo Coordenador era o Padre Roque Lauschner³, com o objetivo de desenvolver um programa de educação cooperativa, a ser trabalhado de forma transdisciplinar junto aos Currículos Escolares, incluindo e preparando os professores para articular, nas diversas disciplinas, conhecimentos de empreendedorismo e coletivismo.

Assim surgia, ainda que em fase embrionária, o Programa A União Faz a Vida, que vinha ao encontro da proposta cooperativista lançada pelo SICREDI. Em 27 de janeiro de 1994, o Conselho de Administração da COCECRER - Cooperativa Central de Crédito do RS, responsável pelos financiamentos rurais do Estado, aprovou o cronograma inicial da forma como se implantaria o projeto piloto, que constituía as bases cooperativistas do Programa A União Faz a Vida, no município de Santo Cristo/RS, cujo projeto piloto se concretizou em 1995.

A partir deste primeiro passo, novos municípios foram implantando o programa, assim, o ideário multiplicou-se, estabilizando o Programa Educacional em nível nacional. Desta forma, as cooperativas de crédito integrantes do SICREDI reafirmam sua certeza de que a construção e a vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania estão no sentido de delegar ao próprio sujeito a construção de sua história de vida, livre de submissões e discriminações.

Assim, o conceito “cooperação e cidadania” foi o foco dos processos educativos e dos fundamentos, que levaram à criação da proposta metodológica do Programa A União Faz A Vida, pelo SICREDI Central/RS.

O Programa tem como Grupo populacional alvo, estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental das comunidades onde o SICREDI está presente, sem descartar também a sua relação com as demais pessoas das comunidades locais na divulgação dos princípios cooperativistas. Desta forma, objetiva construir, com abrangência, um novo modo de participação e de exercício da cooperação e cidadania, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O SICREDI age estrategicamente, aliado a parceiros, apoiadores e assessores pedagógicos, primando pela excelência no desenvolvimento do Programa A União Faz a Vida,

³ Construtor de muitas ideias e práticas inovadoras de uma sociedade alicerçada nos princípios da Justiça, Solidariedade, Cidadania, Fraternidade e Cooperação.

que tem como objetivo construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação de crianças e adolescentes, em âmbito nacional.

METODOLOGIA E RESULTADOS

A pesquisa concluída é de desenho qualitativo e está circunscrita ao âmbito escolar de quatro municípios que implantaram o Programa A União Faz A Vida até o ano de 2004, da Região do Médio Alto Uruguai/RS. Contexto que vem, em parceria com a Universidade Regional Integrada – URI, de Frederico Westphalen, desenvolvendo cursos de formação de professores por meio de oficinas de várias áreas do conhecimento, e a oficina de jogos cooperativos que é o foco desse estudo, nos marcos do Programa, desde 1995. Investigamos os quatro municípios da região que implantaram o Programa no período de 1999 a 2004. A escolha ocorreu por critério temporal.

Em cada um dos municípios foram identificadas duas escolas públicas para compor o universo pesquisado: uma periférica e outra no centro da sede. Para obtenção dos dados objetivos, utilizamos um questionário que foi aplicado ao conjunto de professores das oito escolas previamente identificadas. Posteriormente, a partir desses dados, identificamos dois a três professores por escola, de diferentes disciplinas, que por critérios de representatividade foram convidados a conceder entrevistas centradas no problema de pesquisa: qual é o impacto que os jogos cooperativos, na formação docente do Programa A União Faz A Vida, vem produzindo nos saberes e nas práticas pedagógicas dos professores que trabalham nas escolas públicas da Região do Médio Alto Uruguai/RS, na perspectiva deste coletivo docente?

As entrevistas foram gravadas, validadas, categorizadas e analisadas em diálogo com os professores colaboradores. Esse processo nos permitiu elaborar as seguintes afirmações, que sinteticamente registram o que disseram os docentes: a) os seminários de formação centrados nos princípios dos jogos cooperativos produziram efeitos nas formas de planejar e avaliar as atividades docentes de todas as disciplinas, favorecendo a organização de ações interdisciplinares; b) pouco a pouco, os princípios meritocráticos vêm dando lugar a estratégias participativas e processuais nos modos de avaliar a aprendizagem das crianças e dos adolescentes; c) programas de formação continuada executados dentro do âmbito das escolas são mais contributivos à prática docente porque inclui os professores no protagonismo da experiência; d) a comunidade escolar tem participado com mais intensidade da vida da escola com formas de relacionamento construídas mais amistosamente; e) os estudantes têm manifestado mais satisfação com processos de ensinar e aprender que são organizados com dinâmicas cooperativas; f) as crianças e os adolescentes têm fortalecido a auto-expressão, a auto-estima e os valores coletivos.

Para esse coletivo docente, os jogos cooperativos apresentam-se como uma prática que pode contribuir com os fazeres docentes na medida em que se constituem em uma estratégia didático-pedagógica positiva ante os atuais desafios presentes no cotidiano dos professores. Realçando práticas solidárias e coletivas, no cotidiano das relações grupais, os jogos cooperativos promovem ambientes comunicativos, criativos e fertos de colaboração e valorização dos sujeitos que deles participam.

Nesse sentido, não há dúvidas de que a condução de projetos político-pedagógicos com a participação de toda a comunidade escolar tem conferido mais segurança aos professores e mais significado aos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. Entrevista. **Revista Jogos Cooperativos**. Ed. 2 – Ano II: 2002.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995/Santos: Projeto Cooperação, 1997 (Ed. Re-novada).
- _____. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto cooperação, 2001.
- CURY, Augusto. **A educação precisa passar por uma revolução**. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.nossosaopaulo.com.br/Cury_educacao>. Acesso em: 14 nov. 2007.
- FORTUNA, Tânia R. **O Brincar, as diferenças, a inclusão e a transformação social**. Painel ANPEDSUL: Itajaí/SC, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João P. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MATURANA, R. Humberto. **La realidade: objetiva o construída?** México: Anthropos, 1997.
- MORIN, E. **Epistemologia da Complexidade**. IN: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. POA: Artes Médicas, 1996.
- ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.
- SARASON, S. B. **El predicable fracaso de la reforma educativa**. Barcelona: Paidós, 2003.

DOCUMENTOS ANALISADOS

Entre os Documentos consultados e analisados para a execução desta dissertação, estão:

- Acordo da parceria entre a Universidade Regional Integrada – URI e o Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI. Processo nº 1648/SE/03 – Data: 27/03/2003 – Parecer nº 1635.03/CUN/03;
- Banco de Dados do Programa A União Faz a Vida, SICREDI CENTRAL, Porto Alegre: Diagnóstico, 2007;
- Brasil, LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei 9.394/96. Brasília, 1996;
- Dados quantitativos dos Municípios (escolas, educadores, crianças e adolescentes), pela Coordenação Regional do Programa A União Faz a Vida, 2007/2008, da região do Médio Alto Uruguai/RS;
- ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069/90. São Paulo, 1990;
- Histórico do Sistema de Crédito Cooperativo – SICREDI; - Manual do Programa A União Faz a Vida, SICREDI CENTRAL / Porto Alegre, 2003;
- Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (1998).